

“A vaga de senador custa mais de US\$ 1 milhão para se negociar”

Ele ataca seus desafetos e promete muito mais

Candidato a deputado federal pelo PPR na coligação com o PSDB, o advogado Pedro Calmon não aceita ter ficado de fora da disputa pelo Senado, e dispara a sua metralhadora giratória. Ele queria a vaga que foi deixada pela renúncia de Rosalvo Azevedo, e acusa o presidente do PPR, Vanderlei Vallim, de tê-la “negociado” com o empresário Joaquim Vaz de Mesquita. Calmon nega veementemente

que tenha chantageado Néelson Pantoja, marido da candidata tucana ao Buriti, Maria de Lourdes Abadia, para garantir seu lugar na chapa majoritária.

Dizendo-se vítima de uma “tramóia” para desmoralizá-lo, Calmon declara seu voto ao principal adversário de Abadia na sucessão, o senador Valmir Campelo (PTB), da Frente Progressista do governador Joaquim Roriz.

Correio Braziliense - Por que o senhor ficou de fora da disputa pelo Senado?

Pedro Calmon - Eu já estava desconfiado de que Vallim queria essa vaga para dar ao Joaquim Vaz de Mesquita, que tem uma fábrica de montagem de helicópteros aqui, a Bravex, com ramificações na França. Ele tem outros negócios que desconheço, mas acredito que seria recomendável que a Polícia Federal e a Secretaria da Receita Federal investigassem. Esse cidadão é milionário, e vai financiar a campanha de Maria de Lourdes. Eu tomei conhecimento de que o senhor Vallim estava fazendo essa tramóia para tirar a minha vaga de senador e entregá-la a ele. Fui à casa do Mesquita e levei ao conhecimento dele que havia sido indicado por todo o partido, que tinha o apoio da maioria dos componentes da executiva e dos candidatos a deputado federal e distrital.

Correio - Qual foi a reação dele?

Calmon - Respondeu que não queria ser candidato a senador, e que o candidato seria eu. Mas ele estava, com Vallim, e João Pelles, secretário da executiva do PPR, tentando tomar a vaga para negociar depois, porque a vaga para senador custa mais de um milhão de dólares para se negociar.

Correio - O senhor está dizendo que a vaga de senador foi vendida a Joaquim Mesquita?

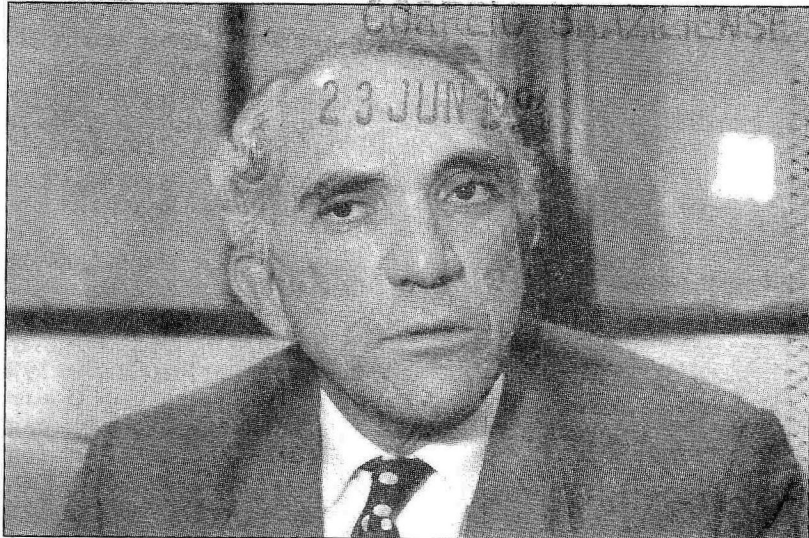
Calmon - Vendida não, negociada. Tenho certeza absoluta de que foi negociada, porque Mesquita me confessou na casa dele que não pretendia entrar na disputa. Como se trata de uma vaga para senador, numa coligação respeitada, logicamente foi negociada. Mesquita assumiu a vaga e se responsabilizou pelo dinheiro da campanha.

Ninguém pode trazer dinheiro da França para financiar uma campanha aqui, e o próprio Sepúlveda Pertence, presidente do TSE, alertou que o dinheiro que não vier através dos bônus é criminoso. Então, eu desconfio que o dinheiro da campanha de Maria de Lourdes não tem uma boa procedência, e a Polícia Federal tem que investigar isso, e também as empresas de Mesquita.

Correio - O senhor tinha mesmo um dossiê contra Nelson Pantoja, o marido de Abadia?

Calmon - Isso é mentira, uma armação criminosa. O senhor Vallim não tinha o direito de inventar essa calúnia. Vallim tomou conhecimento de que eu fui advogado de Pantoja num processo criminal. Ele disse que eu tentei viabilizar a minha candidatura usando Pantoja. Vallim estava desesperado. Viu que eu tinha o apoio do partido para ser o candidato, e deu esse golpe. Tentou me desmoralizar para impedir a minha candidatura. Ele vai ser processado hoje por crime contra a honra, e vai ser processado também civilmen-

ZULEIKA DE SOUZA



“Abadia e seu companheiro fizeram a armação com objetivos financeiros

CALMON

te, porque o meu escritório de advocacia perdeu clientes por causa daquela calúnia. Colocando meus advogados para funcionar, tomei conhecimento de que a própria Abadia, e o seu companheiro Pantoja participaram dessa promoção contra a minha honra.

Correio - Ela participou disso que o senhor chama de “tramóia”?

Calmon - A participação dela é muito clara, porque queria crescer no iobo se fazendo de vítima num escândalo. Pelas minhas informações, foi o próprio Pantoja que inventou essa armação, porque somente ele sabia que eu fui seu advogado. Abadia e seu companheiro, Néelson Pantoja, foram os co-autores dessa armação com objetivos financeiros e eleitorais para denegrir a minha honra. Eu não tinha necessidade nenhuma de chantagear Pantoja, que não tem dinheiro, não tem força. Não tenho condições de viver com fama de chantageista.

Correio - Quando e em que causa o senhor representou Pantoja?

Pantoja - Foi no ano passado, num

processo de estelionato, por causa de um cheque sem fundos. Não posso dar mais detalhes, mas isso não seria motivo para se inventar um dossiê. Eu sou candidato a deputado federal, e nos meus programas de rádio e TV vou denunciar muita coisa. Durante a campanha vou renunciar à candidatura, porque não tenho condições de participar de falcatura, de crimes, de coleta de dinheiro criminoso, de uma armadilha para enganar o povo. Na última quinta-feira, e executiva do PPR fez uma reunião no Senado para votar a candidatura e tirou a minha vaga. Não comparei porque fizeram a reunião às escondidas.

Correio - Por que Mesquita estaria interessado em financiar a campanha de Abadia?

Calmon - Porque Mesquita vai ter um vice-governador que é seu sócio nessas empreitadas todas. Dizem que Vallim é sócio oculto da empresa dele. Se ele financiar a campanha de Abadia, terá tudo o que quiser no GDF. Isso é um jogo do poder, ninguém vai gastar uma fortuna à toa.

Correio - Em quem o senhor votará para governador?

Calmon - Em Valmir porque ele faz uma campanha limpa. A chapa de Abadia não vai eleger ninguém. Vallim está querendo reter os bônus de todos os candidatos a distrital. Ele vai distribuir os bônus retidos aos poucos. Se ele fizer isso, entro com uma busca e apreensão dos bônus. Eu disse a ele que isso era um ato criminoso, e ele disse que faria do jeito que quisesse. Isso foi mais um motivo para ele fazer aquela loucura contra mim. Com os bônus retidos, ele controla os candidatos, porque muitos não sabem usá-los, e podem achar que estão sendo financiados por Vallim.

REPERCUSSÃO

O ex-governador Wanderlei Vallim negou as acusações de Calmon. Segundo Vallim, Joaquim Vaz de Mesquita tinha direito à vaga na chapa majoritária, pois é o vice-presidente do PPR e foi escolhido numa votação do diretório, como manda a legislação, já que Rosalvo Azevedo havia renunciado. Vallim considerou “antiética” a declaração de voto a Valmir Campelo feita por Calmon, e desmentiu que seja sócio de Mesquita e que pretenda reter os bônus dos candidatos proporcionais do partido. A distrital Maria de Lour-

des Abadia disse que não tinha comentários a fazer sobre a entrevista de Calmon. O empresário Joaquim Mesquita foi procurado pela reportagem, mas não respondeu.

“Ele queria a vaga no grito, mas não é assim que se faz política”, reagiu Vallim.

Vallim afirmou que os bônus de todos os candidatos - inclusive os de Calmon - serão entregues normalmente, e esclareceu que só foi sócio de Mesquita num posto de gasolina, durante seis meses.